

ESCRITA: UM SISTEMA LINGÜÍSTICO

Paula Oliveira Sobral¹

sobralpaula@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo é parte do trabalho dissertativo: *Psicose e escrita: a inscrição de um sujeito*. Fizemos, então, um recorte lingüístico procurando abordar a escrita não como uma produção textual destinada à compreensão, mas como um sistema lingüístico, com regras e funcionamento próprios. Para tanto procuramos desenvolver – a partir da definição saussuriana de língua, enquanto um sistema comparável a outros sistemas – de que forma se estrutura a escrita enquanto um sistema lingüístico: Que sistema lingüístico é esse? A proposta é fazer uma discussão sobre o conceito saussuriano de língua para, a partir da delimitação do funcionamento desse sistema, desenvolver a hipótese saussuriana de que a escrita, enquanto sistema lingüístico, é comparável à língua.

PALAVRAS-CHAVE: Língua, escrita, materialidade, Saussure.

1. ENTRE A LÍNGUA E A ESCRITA – UMA INTRODUÇÃO

Este artigo é parte do trabalho dissertativo *Psicose e escrita: a inscrição de um sujeito*, elaborado na interface Lingüística e Psicanálise. Aqui fizemos um recorte procurando abordar a escrita em sua vertente estrutural, como um sistema lingüístico. Ferdinand de Saussure no *Curso de lingüística geral*² faz uma citação que nos coube como ponto de partida para a construção teórica feita neste artigo. Segundo ele, “a língua é um sistema de signos que exprimem idéias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc., etc.” (SAUSSURE, 1972, p. 24).

Assim, para delimitar a escrita como um sistema lingüístico, com regras e formas próprias, e enquadrá-la no campo estrutural, procurando estabelecer seus limites e contornos, necessitou um passeio pela fundação da língua enquanto sistema e sua forma de estruturação.

¹ Mestre em Lingüística e Psicanálise pela Universidade Federal da Paraíba.

² SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1972.

Ao tratar da escrita, embora não tenha se detido sobre ela, Saussure a compara ao sistema da língua, pontuando que estes são sistemas homólogos, porém distintos.

“[...] Os fatos relativos à escrita apresentam, talvez, a respeito de todos os fatos que existem na linguagem, sem exceção, uma mina de observações incessantes e de fatos não apenas análogos, mas completamente homólogos, de um extremo ao outro, aos que se pode discernir na linguagem falada” (SAUSSURE in BOUQUET; ENGLER, 2002, p. 48).

Como justificativa podemos pensar no principal conceito que rege o movimento do sistema da língua e que confere a ele o estatuto de um sistema semiológico – a arbitrariedade. Língua e escrita são sistemas igualmente arbitrários no mesmo grau.

“Mas a linguagem e a escritura não são BASEADAS numa relação natural das coisas. Não há relação alguma, em momento algum, entre um certo som sibilante e a forma da letra S e, do mesmo modo, não é mais difícil a palavra *cow* do que a palavra *vacca* para designar uma vaca” (SAUSSURE in BOUQUET E ENGLER, 2002, p.181).

Assim, como consequência do arbitrário, outros princípios da língua estarão presentes na delimitação da escrita como sistema. E, percorrendo a forma de funcionamento do sistema da língua podemos arriscar uma construção sobre o sistema da escrita, apontando não somente as semelhanças, mas, sobretudo as diferenças que fazem de cada sistema territórios singulares.

2. O SISTEMA DA LÍNGUA

A fundação da Lingüística moderna por Ferdinand de Saussure é reconhecida desde o início do século XX com a publicação do *Curso de lingüística geral*. Ao longo do seu estudo, o caminho feito por Saussure em sua especulação analítica sobre a linguagem se caracteriza pela delimitação de um sistema onde nenhum termo ou elemento lingüístico pode ser definido por si mesmo, mas somente em relação aos outros termos do sistema. Este sistema a que se refere Saussure é o sistema da língua.

“Será que a lingüística encontra diante de si, como objeto primeiro e imediato, um objeto *dado*, um conjunto de coisas evidentes, como é o caso da física, da química, da botânica, da astronomia, etc.?” (SAUSSURE in BOUQUET; ENGLER, 2002, p. 23).

Não. De maneira nenhuma, a resposta a um enquadramento da Lingüística no campo da ciência passa pela existência de um objeto dado de antemão. A Lingüística não oferece um elemento único, uma entidade pura e simples, quantificável, possível de medir. É pela ausência de uma unidade concreta que Saussure defende a idéia de que é o ponto de vista que cria o objeto.

Outras ciências trabalham com objetos dados e que se pode considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso campo nada de semelhante ocorre. [...] Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto (SAUSSURE, 1972, p. 15).

É do ponto de vista da língua que Saussure cria o objeto da Lingüística. Fazer uma escolha por um objeto de estudo, levando em conta o caráter científico da Lingüística, não fecha o estudo lingüístico em um só objeto e sim mantém aberta a dialética característica das dicotomias saussurianas. As dualidades não apontam para uma reciprocidade ou para uma equivalência, como tampouco para uma exclusão. Língua e fala, significante e significado, sintagma e paradigma, a arbitrariedade, a teoria do valor, entre outros conceitos, não se misturam, mas se relacionam para fazer existir o movimento do sistema da língua. É o movimento do sistema lingüístico o que interessa à Lingüística enquanto uma ciência da língua.

Se a linguagem fosse tomada como ponto de partida, não seria possível uma delimitação. A linguagem corresponde a um sistema amplo, sem contorno, sem limite entre os elementos que a constitui. “Multiforme e heteróclita, a linguagem não se deixa classificar a nenhuma categoria dos fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade” (SAUSSURE, 1972, p. 17). Ampla, cobiçada por diversas áreas do conhecimento, a linguagem alcança domínios além dos da Lingüística. Tomar a linguagem para estudo científico e estrutural seria enlouquecer nas diversidades infinitas de seus domínios.

É por acreditar que não se pode abarcar o todo da linguagem que Saussure delimita a língua e atribui a ela a característica de ser o produto social que a Lingüística deve estudar.

A língua está para a linguagem assim como a Lingüística para a Semiologia, diz Saussure (1972), e a tarefa do lingüista é definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos. A Semiologia é a teoria geral dos signos que se detém não somente na linguagem verbal, mas abrange qualquer sistema de comunicação natural ou convencional (da linguagem humana à animal). A Lingüística por sua vez

estuda a linguagem humana sendo, portanto, uma parte do sistema geral e abrangente de signos que é a Semiologia. Assim, a língua é um sistema convencional de signos que faz parte do sistema natural ao ser humano, a linguagem. Seu funcionamento e leis permitem o entendimento de outros sistemas.

Para atribuir à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem, pode-se, enfim, fazer valer o argumento de que a faculdade – natural ou não – de articular palavras não se exerce senão com ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade; não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem (SAUSSURE, 1972, p. 18).

Descrever a língua enquanto um sistema lingüístico – seu funcionamento, regras e movimentos – permite pensar sobre o funcionamento de outros sistemas, como o da escrita. É com o intuito de desenvolver a maneira como se estrutura a escrita enquanto sistema lingüístico, que se torna importante falar de que forma o movimento do sistema da língua acontece.

Como delimitar, então, a língua?

A noção de sistema está presente em todo o estudo de Saussure. Foi tentando mostrar de que forma a língua se organiza, que Saussure postulou que nada existe de forma isolada na língua. Nenhum termo existe por si mesmo, mas numa relação de não-coincidência com os termos vizinhos, assumindo significações e valores diferentes de acordo com o movimento do sistema.

Às unidades do sistema da língua, Saussure vai chamar de *signos*, unidades lingüísticas constituídas pela união de dois termos: O *significante* (imagem acústica) e o *significado* (conceito), “[...] os termos implicados no signo são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação” (SAUSSURE, 1972, p. 80), pois cada parte do signo embora seja profundamente distinta, é necessária uma a outra e, quando unidas no interior da língua, tornam-se concretas, definidas.

A associação que constitui o signo é formada a partir de uma combinação arbitrária. Em outras palavras, o que faz um significante unir-se a determinado significado, e vice-versa, e não a possíveis outros, é uma convenção social. Não há elo natural entre eles, não há nada do conceito na imagem acústica ou da imagem acústica no conceito que o representa, é arbitrário.

A palavra *arbitrário* requer também uma observação. Não deve dar a idéia de que o significado dependa da livre escolha do que fala [...]; queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado,

com o qual não tem nenhum laço natural na realidade (SAUSSURE, 1972, p. 83).

Um significante se une a um significado num dado momento, podendo variar de acordo com o movimento da língua. O elo que se forma entre significante e significado dentro do signo, é regido por uma arbitrariedade absoluta. O que faz um determinado significante se associar a um determinado significado e vice versa é algo completamente irracional e imotivado, ou seja, poderiam ter sido formados quaisquer outros elos. Esta união, entretanto, não se trata de uma união fixa. O signo não está fixado a nenhum objeto, ele produz uma forma a cada instante. A ligação de um significante a um significado não se aproxima, em nada, da ligação de um nome à coisa em si. “Se fosse possível que uma língua consistisse unicamente em denominar os objetos, os diferentes termos dessa língua não teriam relação entre si, ficariam tão separados uns dos outros, quanto os próprios objetos; [...]” (SAUSSURE in BOUQUET E ENGLER, 2002, p. 282).

A língua é então um sistema de signos.

[...] sem o recurso dos signos, seríamos incapazes de distinguir duas idéias de modo claro e constante. Tomado em si, o pensamento é uma nebulosa onde nada está necessariamente delimitado. Não existem idéias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua (SAUSSURE, 1972, p. 131).

Não há vida para os signos fora do sistema, assim, pois, num estado de língua, tudo se baseia em relações, que se dão em dois eixos: o eixo sintagmático e o eixo paradigmático (ou associativo). De que forma então, funcionam tais relações?

As relações sintagmáticas são baseadas no caráter linear da língua. Há uma ordem na cadeia sintagmática. Os sintagmas se compõem de duas ou mais unidades consecutivas que se movimentam por uma relação de oposição, pois um termo só adquire seu significado quando posto numa relação de oposição entre o termo que o antecede e o que o precede.

De um lado, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Estes se alinham um após outro na cadeia da fala. Tais combinações, que se apóiam na extensão, podem ser chamadas de *sintagmas* (SAUSSURE, 1972, p. 142).

O sintagma é limitador e vem colocar uma borda, vem dar um limite a outro eixo de relações: as relações paradigmáticas ou associativas. Estas, não estão presentes na

cadeia da fala, na linearidade do discurso, mas têm sua existência garantida e particular, já que fazem parte do tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo, na memória do falante. São livres e ilimitadas, feitas pelo ser falante de forma singular. Não há uma forma determinada *a priori*, a associação varia de acordo com quem as faz.

Vale ressaltar que estas relações, sintagmáticas e paradigmáticas, acontecem juntas. Não há como manter a linearidade do sintagma, sem o irrompimento das possibilidades associativas que existem no paradigma, assim como não há outra forma em que o paradigma se faça presente, embora sua existência esteja garantida na ausência, senão através do sintagma.

É no funcionamento do sistema lingüístico, através das relações sintagmáticas e associativas como produtoras de sentidos, que surge a teoria do valor, um dos conceitos fundamentais do pensamento de Saussure. A teoria do valor é uma forma de pensar a significação a partir do movimento do signo lingüístico dentro do funcionamento do sistema da língua.

A noção de valor está na relação de oposição entre os signos dentro do sistema, constituindo o sentido da língua.

“No interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem idéias vizinhas se limitam reciprocamente: sinônimos como *recear*, *temer*, *ter medo* só têm valor próprio pela oposição; se *recear* não existisse, todo o seu conteúdo iria para os seus concorrentes” (SAUSSURE, 1972, p. 135).

Não há identidade possível para o signo quando tomado de forma isolada. Dois signos podem ter a mesma significação, mas não o mesmo valor. Os valores são definidos como puramente diferenciais, “definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são” (SAUSSURE, 1972, p. 136). A escolha que o ser falante faz por um determinado signo exclui, num determinado momento, outros signos possíveis de serem utilizados.

Toda palavra da língua tem a ver com as outras palavras – ou melhor, ela não existe a não ser em relação às outras palavras, e em virtude do que está à volta dela. [...] O valor de uma palavra só vale em todos os momentos em relação às outras unidades semelhantes. A relação e a diferença das palavras entre si se desenrola segundo duas ordens, em duas esferas completamente distintas: *cada uma dessas esferas será geradora de uma certa ordem de valor*, e a própria oposição que há entre as duas deixa mais clara cada uma delas. Trata-se de duas esferas ou de duas maneiras de coordenar as palavras com as outras (SAUSSURE apud BOUQUET, 1997, p. 256).

Seja qual for a ordem das relações em que uma palavra funciona (ela é chamada a funcionar nas duas), uma palavra é sempre antes de tudo membro

de um sistema, solidária as outras palavras, ora numa ordem de relações, ora numa outra ordem de relações. Isso será uma coisa a considerar naquilo que constitui o valor (SAUSSURE apud BOUQUET, 1997, p. 256).

É possível notar, portanto, que durante todo o seu trabalho, Saussure se preocupou em estudar o sistema lingüístico, respeitando as particularidades dos elementos que o constituem e é a partir da delimitação deste sistema, de suas características e formas que nos debruçaremos sobre a escrita procurando delimitá-la enquanto um sistema lingüístico.

3. A ESCRITA ENQUANTO SISTEMA

Toda a história se funda a partir da escrita. Segundo Higounet (2003), o homem primitivo, diante da necessidade de marcar sua existência, recorreu ao mundo dos símbolos e, através de desenhos em pedras, madeiras e tantos materiais, fixou suas experiências ao longo do tempo. Entretanto, “os mais simples traçados desenhados pelo homem em pedra ou papel não são apenas um meio, eles também encerram e ressuscitam a todo momento o pensamento humano” (HIGOUNET, 2003, p. 10).

Na antiguidade, com a escrita pictográfica, um só símbolo podia descrever ou representar um fato, uma palavra ou um acontecimento. O homem primitivo escrevia nas paredes das cavernas como uma forma de expressão, de registro – uma forma de transmitir mensagens através de desenhos, traços e marcas. A escrita ultrapassa o tempo e o espaço, permitindo que algo se consolide e se transmita fazendo história. “A lei escrita substituiu a lei oral, o contrato escrito substituiu a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária” (HIGOUNET, 2003, p. 10).

O reconhecimento da escrita, entretanto, começou a existir a partir do momento em que foi elaborado um conjunto organizado de signos e sinais gráficos por meio dos quais se tornou possível materializar e fixar algo do pensamento. Foi com o aparecimento das palavras e seus elementos formadores, as letras, que a escrita tomou corpo. Para que haja escrita, “É preciso inicialmente um conjunto de sinais que possua um sentido estabelecido de antemão por uma comunidade social e que seja por ela utilizado” (FÉVRIER apud HIGOUNET, 2003, p. 11).

O pensamento é uma nebulosa e só ganha existência no ato de sua expressão seja na forma falada ou na forma escrita. Não é possível separar o pensamento das palavras.

Por si só o pensamento é pura abstração que só tem existência lingüisticamente quando percebido pela consciência, ou seja, quando se torna signo.

Nos *Escritos de lingüística geral* (BOUQUET; ENGLER, 2002), Saussure sugere que não é o pensamento que cria o signo, mas o signo que determina primordialmente o pensamento.

[...] sem o recurso dos signos, seríamos incapazes de distinguir duas idéias de modo claro e constante. Tomado em si, o pensamento é uma nebulosa onde nada está necessariamente delimitado. Não existem idéias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua (SAUSSURE, 1972, p.130).

Ao sistema de signos Saussure deu o nome de língua. Articulando som e sentido, significante e significado, surgiram as palavras, os signos. Para Saussure, é a língua que instaura a escrita, dá um lugar à escrita, um lugar de representação. E o pensamento, além de sair da condição de massa amorfa e ganhar uma forma a partir da língua, passa a ter materialidade com a escrita, já que, ao contrário da fala, por essência fugidia, a escrita tem a função de tornar fixo e sólido algo do pensamento.

No capítulo do Curso de lingüística geral (1972) intitulado *A representação da língua pela escrita*, Saussure fala da importância da escrita no conhecimento das línguas e, ao mesmo tempo, critica o prestígio dado à escrita pelos gramáticos no tocante ao fato deste sistema gráfico representar a língua. A crítica feita por Saussure à escrita aparece como uma forma de romper com o movimento da gramática comparada, (anterior ao pensamento saussuriano sobre o sistema lingüístico) segundo o qual, para se conhecer uma língua seria necessário compará-la a outras línguas, como se fosse possível “esclarecer uma língua por meio de outra, explicar as formas duma pelas formas de outra [...]” (SAUSSURE, 1972, p. 8).

O caráter literalizável do objeto da gramática comparada remete ao que podemos chamar de *pleonasmio epistemológico*: a noção epistemológica de literalizabilidade (ou seja, a noção de “letra”) deve sua origem, é evidente, ao fato fonológico e sua notação, pois a principal função da escrita é notar as palavras de uma língua. Além disso, antes mesmo de ser convertida numa escrita científica, a escrita comum desempenha um papel determinante: é, sem dúvida, da contingência histórica que quis que as diversas escritas das línguas indo-européias fossem alfabéticas que nasceu a gramática comparada (BOUQUET, 1997, p. 97).

Havia uma questão epistemológica embasando a crítica feita por Saussure. Localizar a Lingüística enquanto uma ciência histórica e, portanto social, fazia parte de um momento histórico inaugurado pela lingüística saussuriana: a fundação de uma nova

ciência, a ciência da língua. Uma ciência que sai da generalização das línguas como pertencentes a uma única família, para Uma língua, um sistema estruturado com regras bastante específicas. Comparar as línguas, para Saussure, significava reduzir a língua ao alfabeto, enquadrá-la numa norma. Portanto, se é pela escrita que a norma se presentifica, pelo que há escrito nas gramáticas, seria normatizar a língua igualá-la à escrita, uma vez que é pela escrita que a norma aparece.

O movimento saussuriano de separar língua e escrita como dois sistemas distintos de signos, visa a ressaltar que a existência da língua está garantida independentemente de que ela seja reapresentada pela escrita. “A língua tem, pois, uma tradição oral independente da escrita e bem diversamente fixa” (SAUSSURE, 1972, p. 35).

A crítica saussuriana à escrita parece ter muito mais a ver com a materialização da lingüística feita pelos gramáticos comparatistas, que reduziam a língua ao alfabeto, a um sistema gráfico de leis fonéticas, que, propriamente, à função da escrita enquanto um sistema que serve à língua. Embora possa haver uma relação dialética entre língua e escrita e a escrita possa frear, em certos momentos, a velocidade das mudanças que ocorrem a todo instante na língua, a conservação de uma língua não depende de haver ou não registros escritos sobre ela. A língua tem uma vida própria, ela independe da escrita. Entretanto, a escrita é um registro, sólido e material e pode servir de representação gráfica da língua, quando necessário, já que o contraponto da escrita parece ser a fala onde

Os signos lingüísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro. Além disso, os signos da língua são, por assim dizer, tangíveis; a escrita pode fixá-los em imagens convencionais, ao passo que seria impossível fotografar em todos os seus pormenores os atos da fala (SAUSSURE, 1972, p. 23).

Há defasagem entre a língua e a escrita. Não é possível escrever tudo que há na língua. Segundo Saussure, a língua evolui sem cessar e os signos gráficos nem sempre correspondem àquilo que devem representar. São, portanto, sistemas independentes. As letras (forma gráfica) da palavra *casa*, por exemplo, não têm uma correspondência exata com os fonemas que formam esta mesma palavra (c - k, s - z). Assim como em tantas outras palavras, onde o alfabeto gráfico não corresponde totalmente o alfabético fonemático.

A escrita pode ser utilizada como representação da língua, uma representação “não-toda” da língua, já que é impossível representar graficamente tudo que se diz. A língua é um sistema em movimento, significante e significado deslizam sem cessar e, a todo instante, diferentes sons se ligam a diferentes idéias, produzindo formas diferentes. “Quem diz *forma* diz *diferença* com outras formas e nada mais” (SAUSSURE in BOUQUET; ENGLER, 2002, p. 47).

[...] nem a idéia nem o signo, nem as diversidades dos signos, nem a diversidade das idéias, representam jamais, por si só, um termo dado: nada é dado, a não ser a diversidade dos signos combinada indissolivelmente, e de maneira infinitamente complexa, com a diversidade de idéias (SAUSSURE in BOUQUET E ENGLER, 2002, p. 50).

Levando em conta a particularidade do sistema da língua, não existe termo dado previamente, o que há é uma diversidade de signos combinada a uma diversidade de idéias. Quanto à escrita também há uma variação em suas formas. Língua falada e língua escrita apresentam semelhanças em suas formas de funcionamento, entretanto, a escrita possui um suporte material, um traço material que a distingue da língua e que a torna ainda mais concreta – a letra.

A escrita não deve surgir como garantia, como prova da existência da língua. Pelo contrário, a escrita pode ser pensada como um sistema lingüístico comparável à língua em sua organização e funcionamento, e que serve a ela como um meio de expressão. Como já vimos anteriormente, segundo Saussure, a língua é um sistema de signos que exprimem idéias, e é comparável, por isso, à escrita. E comparar não significa igualar, e sim tomar um sistema como base para entender o funcionamento de outro sistema.

De uma maneira mais geral, me parece que, seja no campo do *efeito individual* (= semiológico), seja na perspectiva histórica, os fatos relativos à escrita, apresentam, talvez, a respeito de todos os fatos que existem na linguagem, sem exceção, uma mina de observações incessantes e de fatos não apenas análogos, mas completamente homólogos, de um extremo a outro, aos que se pode discernir na linguagem falada. Para a escrita o sentido é representado pelo som, enquanto que o som é representado pelos traços gráficos; mas a relação entre o traço gráfico e o som falado é a mesma que entre o som falado e a idéia (SAUSSURE in BOUQUET; ENGLER, 2002, p. 48).

Assim, baseando-nos na descrição da língua enquanto sistema de signos, feita anteriormente, tentaremos desenvolver, através das semelhanças e diferenças entre esses

dois sistemas, a forma de funcionamento da escrita.

Para tanto, podemos começar com uma questão: a escrita é também um sistema de signos?

Pegemos a citação feita anteriormente: para que haja escrita, “é preciso inicialmente um conjunto de sinais que possua um sentido estabelecido de antemão por uma comunidade social e que seja por ela utilizado” (FÉVRIER apud HIGOUNET, 2003, p. 11). Esse conjunto de sinais necessário ao funcionamento da escrita se assemelha ao conjunto de signos, necessário ao funcionamento da língua. Estes sinais, quando socialmente utilizados tornam-se signos gráficos que são constituídos por traços gráficos – letras – que funcionam a partir de uma relação de diferenças e negatividade, uma letra é o que a outra não é. Podemos dizer, com isso, que a escrita é feita de signos assim como a língua?

Toda espécie de signo existente na linguagem (1° o signo VOCAL de toda ordem, signo completo tal como uma palavra, ou um pronome, signo complementar como um sufixo ou uma raiz, signo destituído de qualquer significação completa ou complementar, como um determinado “som” de língua; ou signo não vocal, como “o fato de pôr tal signo antes de tal outro”) tem um valor *puramente*, por conseguinte, não positivo mas, ao contrario, essencialmente, eternamente NEGATIVO (SAUSSURE in BOUQUET; ENGLER, 2002, p. 47).

Na citação acima, Saussure aponta a existência de signos vocais (signos que constituem o sistema da língua) e signos não vocais. Seriam estes signos gráficos constituintes do sistema da escrita?

Saussure definiu o signo como uma unidade lingüística constituída pela união de dois termos: O significante (imagem acústica) e o significado (conceito). “A entidade lingüística (o signo) só existe pela associação do significante e do significado; se retiver apenas um desses elementos, ela se desvanece; em lugar de um objeto concreto, tem-se uma pura abstração” (SAUSSURE, 1972, p. 119). O traço gráfico é a letra, parte constitutiva do signo, parte que confere materialidade ao signo. O signo só pode ser escrito pelo traço gráfico. Aí reside a distinção, importante para este trabalho, entre língua e escrita: a concretude do signo e a materialidade da letra.

A letra é o material “primitivo”, se assim podemos dizer, constitutivo do signo. Segundo Saussure, “os termos implicados no signo são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação” (SAUSSURE, 1972, p. 119), pois cada parte do signo, embora seja profundamente distinta, é necessária uma a outra, para

que a existência do signo esteja garantida. É necessário que um conceito esteja ligado, mesmo que momentaneamente, a uma imagem acústica, para que o signo ganhe existência. Chegamos então à concretude do signo. A natureza concreta do signo reside justamente na associação concreta entre este significante e aquele significado, e não entre possíveis outros. Entretanto, concretude não é materialidade. A materialidade requer a solidão, a solidão de sentido. Assim é a letra, material, traço escrito, traço rupestre, traço real. Não há conceito ou significado ligado a ela. Não remete, portanto, a nada, é em si mesma sem significação própria e quanto mais ela nada significa mais indestrutível ela é. Eis a materialidade da letra.

A escrita presentifica a forma que o signo assume a cada instante na língua. Unindo concretude e materialidade, a escrita fixa através do traço gráfico – letra – os signos. Essa distinção nos permite pensar a letra como um elemento a mais, próprio da escrita. Elemento que marca uma diferença entre a língua falada e a língua escrita. Elemento responsável pela materialidade da escrita.

Os traços gráficos, neste trabalho chamados de letra, são a base da escrita enquanto sistema e seus movimentos dão corpo ao seu funcionamento. Assim como os signos no sistema da língua, os signos gráficos da escrita se organizam de acordo com um valor assumido por eles, a partir de relações sintagmáticas e associativas.

A escolha por quais signos gráficos utilizar no momento da escrita tem a ver com o valor que *o escritor* dá a uma determinada palavra e não a outra, assim como acontece na língua, onde o falante confere um valor à palavra ao escolher usá-la. “Assim o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia” (SAUSSURE, 1972, p. 135). Os signos gráficos, assim como os signos lingüísticos, não têm correspondência obrigatória com o sentido, o que os une é um laço arbitrário. Não há correspondência natural entre o signo gráfico e aquilo que ele representa, ou sua entonação, por exemplo. Uma pessoa pode escrever a mesma letra de várias formas, assim como a forma gráfica que uma palavra assume não tem correspondência alguma com o que ela possa significar. “A única coisa essencial é que este signo não se confunda em sua escrita, com o do l, o do d etc.” (SAUSSURE, 1972, p. 138).

Os valores da escrita só funcionam pela sua oposição recíproca dentro de um sistema definido, composto de um número determinado de letras. [...] Como o signo gráfico é arbitrário, sua forma importa pouco, ou melhor, só tem importância dentro dos limites impostos pelo sistema (SAUSSURE, 1972, p. 139).

Como visto anteriormente, o sintagma se compõe de duas ou mais unidades consecutivas que se movimentam por uma relação de oposição, pois um termo só adquire seu valor quando posto numa relação de oposição entre o termo que o antecede e o que o sucede, formando uma seqüência linear de signos gráficos, constituindo frases e textos. Por trás dessa linearidade há outra cadeia, a associativa ou paradigmática. Essa cadeia, não somente impulsiona as escolhas associativas que aparecem no sintagma, mas também, mesmo na ausência, marca o modo de escrever de cada sujeito, já que a cadeia associativa é responsável pela atribuição do valor às palavras. São associações livres e ilimitadas, feitas de forma singular. Não há uma forma determinada *a priori*, a associação varia de acordo com quem a faz. O sintagma vem colocar uma borda, vem dar um limite à vasta gama de associações possíveis.

A fala trata de uma seqüência linear de signos que estão disponíveis na língua, numa linearidade. Há um fluxo na cadeia falada, um fluxo de signos que se relacionam entre si. Na escrita, a seqüência de letras forma palavras, frases inteiras. Com ou sem uma ordenação sintática, com ou sem sentido, a escrita promove um encadeamento linear de sinais gráficos que podem formar palavras que contenham, em seu interior, a associação entre uma imagem acústica e um conceito. Assim como pode não formar, aparentemente, nenhuma palavra que esteja no circuito social, ou seja, uma palavra que seja pura expressão gráfica.

“Para além do modo de imobilização da linguagem, a escrita é uma nova linguagem, muda certamente, mas, segundo a expressão de L. Frever, “centupilada”, que disciplina o pensamento e, ao transcrevê-lo, o organiza” (HIGOUNET, 2003, p. 10).

Assim como a língua é um sistema de linguagem que faz o pensamento existir a partir das formas assumidas pelos signos no seu movimento, a escrita também é um sistema de linguagem que consolida o pensamento.

4. A MATERIALIDADE DA ESCRITA – UMA CONCLUSÃO

Embora Saussure não tenha desenvolvido uma teoria sobre a escrita, foi a partir da noção de língua como um sistema e de sua afirmação de que a língua é um sistema de signos que exprimem idéias, sendo comparável, por isso, a outros sistemas de linguagem, dentre eles a escrita, que podemos, partindo da forma de funcionamento da língua, desenvolver de que forma funciona a escrita. Este é o início de um longo

trabalho sobre a escrita, já que quase não encontramos material sobre a estrutura lingüística deste sistema.

Chegamos, portanto, à conclusão, entre tantas que virão em trabalhos posteriores, de que, em relação à língua, a escrita possui uma característica bastante peculiar e fundamental, sua materialidade. Materialidade do traço gráfico – a letra – que define o signo gráfico e o diferencia do signo da língua. A letra é, por estrutura, solitária, vazia de sentido, é puro traço, não necessita que significações se liguem a ela a todo instante e sendo assim, se torna fixa e material. A escrita é, portanto, material e presentifica a forma que o signo assume, a cada instante, na língua.

REFERÊNCIAS

1. BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 1997.
2. BOUQUET, S. & ENGLER, R. Ferdinand de Saussure. *Escritos de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2002.
3. HIGOUNET, C. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola, 2003.
4. SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1972.

RESUMO: Este artigo é parte do trabalho dissertativo: *Psicose e escrita: a inscrição de um sujeito*. Fizemos, então, um recorte lingüístico procurando abordar a escrita não como uma produção textual destinada à compreensão, mas como um sistema lingüístico, com regras e funcionamento próprios. Para tanto procuramos desenvolver – a partir da definição saussuriana de língua, enquanto um sistema comparável a outros sistemas – de que forma se estrutura a escrita enquanto um sistema lingüístico: Que sistema lingüístico é esse? A proposta é fazer uma discussão sobre o conceito saussuriano de língua para, a partir da delimitação do funcionamento desse sistema, desenvolver a hipótese saussuriana de que a escrita, enquanto sistema lingüístico, é comparável à língua.

PALAVRAS-CHAVE: Língua, escrita, materialidade, Saussure.

ABSTRACT: This article is part of the thesis: *Psychosis and writing: the entry of a subject*. We have given a linguistic twist to the work, trying to approach the issue of writing not as a textual production intended for comprehension, but as a linguistic system, with its own rules and regulations. In order to do so – based on a Saussurean definition of language, seen as a system that can be compared to other systems – we have tried to figure how we can state the Saussurean concept of language, from the delimitation of the system, and develop the Saussurean hypothesis that writing, being a linguistic system, is comparable to language.

KEYWORDS: language, writing, materiality, Saussure.